

**A PAISAGEM LINGUÍSTICA E A MULTIMODALIDADE EM FACHADAS DE CASAS DE FESTAS INFANTIS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL****LINGUISTIC LANDSCAPE AND MULTIMODALITY IN FACADES OF CHILDREN'S PARTY HOUSES: A POSSIBLE DIALOGUE**Cláudia Regina Ponciano Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO:** A política linguística, na visão de Shohamy (2006), é o principal mecanismo para organizar, gerenciar e manipular os comportamentos da língua, pois consiste em decisões tomadas sobre ela e seus usos na sociedade. Para a autora, existem mecanismos diluídos em regras e regulamentos, na política educacional, nos testes de línguas e no espaço público que funcionam como ferramentas de intermediação entre as ideologias e as práticas de linguagem. Nesse panorama, a essência deste artigo encontra-se no contexto do espaço público, especificamente, fachadas de casas de festas infantis em João Pessoa-PB, compreendidas como paisagens linguísticas. O trabalho apresenta uma análise dessas fachadas, objetivando discutir como estas representam mecanismos de política linguística, sinalizando uma diversidade de línguas e de repertórios comunicativos por meio de recursos multimodais, tecendo uma interface entre política linguística e multimodalidade. Busca-se responder: Que línguas estão dispostas nas fachadas de casas de festas infantis na capital paraibana? Quais significados podem ser inferidos a partir da disposição visual dos elementos imagéticos nesses estabelecimentos? A discussão fundamenta-se nos conceitos de política linguística (SPOLSKY, 2009; SHOHAMY, 2006), de paisagem linguística (SHOHAMY, 2006), de multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2006; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011; SILVA; ALMEIDA, 2018) e na Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996]2006) como ferramenta analítica. A pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativista, uma vez que descreve, analisa e interpreta os dados concebidos em situação real de interação. O corpus é composto por três imagens fotográficas das fachadas dessas casas. Os resultados sinalizam uma pequena parcela, entre tantas outras, da diversidade linguística de uma cidade plurilíngue e multicultural que não se restringe unicamente ao inglês como língua hegemônica, mas indica ocorrências do francês e de um novo léxico elaborado em prol do universo infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem linguística. Multimodalidade. Fachadas.

**ABSTRACT:** The language policy, in Shohamy's view (2006), is the main mechanism for organizing, managing and manipulating language behaviors because it consists of decisions made about language and its uses in society. For that author, there are mechanisms diluted in rules and regulations, language educational policy, language tests and in the public space that function as tools of intermediation between language ideologies and practices. In this perspective, the essence of this article lies in the context of the public space, specifically, facades of children's party houses in João Pessoa-PB, considered as linguistic landscapes. The paper presents an analysis of these facades, aiming to discuss how they represent mechanisms of language policy, signaling a diversity of languages and communicative repertoires through multimodal resources, promoting an interface between language policy and multimodality. The research questions are: Which languages are disposed in the facades of children's party houses in João Pessoa? Which meanings can be inferred from the visual disposition of the semiotic elements in these establishments? The discussion is based on the concepts of language policy (SPOLSKY, 2009; SHOHAMY, 2006), linguistic landscape (SHOHAMY, 2006), multimodality (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2006; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011; SILVA; ALMEIDA, 2018) and the Grammar of Visual Design (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2006) as analytical tools. This is a descriptive qualitative study since it describes, analyzes and interprets the data conceived in real interaction situation. The corpus consists of three photographic images of those facades. The results point to a small sample, among many others, of the linguistic diversity of a plurilingual and multicultural city that is not only restricted to English as a hegemonic language, but also indicates occurrences of French and of a new lexicon elaborated in favor of the child universe.

**KEYWORDS:** Linguistic landscape. Multimodality. Facades.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *campus* Guarabira. E-mail: [claudiaponcianoifpb@hotmail.com](mailto:claudiaponcianoifpb@hotmail.com)

## 1 Palavras iniciais

A política linguística, na concepção de Spolsky (2004), é constituída por práticas, crenças linguísticas ou ideologias e esforços específicos para modificar ou influenciar as práticas por meio de algum tipo de intervenção linguística. De modo semelhante, Shohamy (2006) considera a política linguística como um meio para organizar, gerenciar e manipular os comportamentos da língua, pois consiste em decisões tomadas sobre ela e seus usos na sociedade. Segundo Shohamy (2006), existem mecanismos que funcionam como ferramentas de intermediação entre as ideologias e as práticas de linguagem que estão diluídos em regras e regulamentos, na política educacional, nos testes de línguas e no espaço público. É neste último contexto que este estudo se insere.

Motivada pelas discussões sobre paisagem linguística em espaços públicos como um dos mecanismos de intermediação entre as ideologias e as práticas de linguagem<sup>2</sup>, afluí-me a ideia de investigar a visibilidade dessa diversidade linguística em contexto voltado para crianças, como nas fachadas das casas de festas infantis.<sup>3</sup> Acredita-se que a cidade de João Pessoa-PB se assemelhe às grandes capitais brasileiras quanto à diversidade linguística registrada nas fachadas de prédios e que a disposição visual de escolhas semióticas coopere para a visibilidade de tal diversidade. Assim, surgiram as inquietações: Que línguas estão dispostas nas fachadas dessas casas na capital paraibana? Quais significados podem ser inferidos a partir da disposição visual dos elementos imagéticos nesses estabelecimentos?

Nesse panorama, o presente trabalho apresenta uma análise das fachadas de três casas de festas infantis na capital paraibana quanto às suas paisagens linguísticas e seus significados organizacionais, tecendo uma interface entre política linguística e multimodalidade. O objetivo é evidenciar como nomes de estabelecimentos comerciais podem ser considerados mecanismos de política linguística que sinalizam a diversidade linguística e repertórios comunicativos. A discussão respalda-se nos conceitos de política linguística (SPOLSKY, 2009; SHOHAMY, 2006), de paisagem linguística (SHOHAMY, 2006), de multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2006; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011; SILVA; ALMEIDA, 2018) e recorre à Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, [1996] 2006) como ferramenta analítica. A pesquisa é de cunho qualitativo com abordagem interpretativa por descrever, analisar e interpretar os dados concebidos em situação real de interação. O *corpus* é composto por três fotografias das fachadas dessas casas.

Para fins de sistematização da discussão, além desta Introdução e das Considerações finais, o artigo se desdobra em quatro seções. A primeira apresenta uma discussão sobre as noções de política linguística e um dos seus objetos de estudo, paisagem linguística. A segunda seção traz o conceito de multimodalidade e a descrição da Gramática do Design Visual. A terceira apresenta os percursos metodológicos adotados para análise. A quarta seção apresenta a análise e discussão dos resultados.

## 2 As várias noções de Política Linguística e seus objetos de estudo

Esta seção esboça um resumo das noções de Política Linguística (PL) na visão de Cooper (1989), Schiffman (2006), Spolsky (2009), Shohamy (2006), Johnson e Ricento (2013), alinhando uma compreensão do que vem a ser o objeto de estudo da PL, a partir de pesquisas recentes na área de Linguística Aplicada (SOUZA FILHO, 2017; GABAS, 2017; DIONÍSIO,

---

2 Discussões ocorridas na disciplina Tópicos em Linguística Aplicada em 2018.2, cujo foco foi Política Linguística. A disciplina foi oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Linguística, na Universidade Federal da Paraíba.

3 Esses espaços tridimensionais estão relacionados a uma pesquisa mais ampla da autora.

2017; ANDRADE, 2016) e ressaltando a paisagem linguística como objeto de estudo desse campo.

Embora o termo ‘política linguística’ seja atualmente recorrente entre os pesquisadores da área, outras terminologias foram utilizadas inicialmente ao longo da história. Segundo Andrade (2016), os termos *planejamento linguístico*, *política e planejamento linguístico*, como também *glotopolítica* são conceitos que denominam o campo.

Segundo Johnson e Ricento (2013), o termo *planejamento linguístico* foi introduzido por Einar Hauger, em 1959, como um meio utilizado na época da independência dos novos Estados-nações no intuito de desenvolver uma ortografia, uma gramática, e dicionários normativos para falantes e escritores de uma comunidade de fala heterogênea, o que é conhecido como *planejamento de corpus*, voltado para o planejamento da forma da língua. Outros planejadores e estudiosos voltaram-se para o uso e funcionamento de línguas particulares, o que ficou conhecido como *planejamento de status*, termo cunhado por Kloss (1969). Com a propagação do movimento crítico em linguística e sociolinguística no campo de planejamento da linguagem, desabrochando para uma conscientização de que os modelos iniciais para o planejamento da época eram inadequados, o foco mudou. Houve um olhar mais amplo para múltiplos contextos e camadas de natureza sociopolítica e ideológica, incluindo uma atenção maior ao planejamento de idiomas para escola, surgindo assim o termo *planejamento de aquisição* de Cooper (1989). É este autor que traz à tona outros conceitos menos utilizados para *planejamento linguístico*: engenharia linguística, desenvolvimento linguístico e regulação linguística.

O termo ‘*política e planejamento linguístico*’ pode ser compreendido como uma variação utilizada por Johnson e Ricento (2013), quando se referem ao movimento crítico em linguística e sociolinguística na área, envolvendo as relações de poder sobre a língua e ampliando o foco para múltiplos contextos e camadas que não envolvessem apenas os órgãos governamentais. Já o termo ‘*glotopolítica*’, segundo Souza Filho (2017) citando Arnoux e Laura (2016), é bastante utilizado para tratar do campo na América Latina. A seguir, as noções ampliadas de PL para alguns estudiosos.

Cooper (1989) diz que o termo política linguística às vezes aparece, na literatura acadêmica, como sinônimo de planejamento linguístico. Em sua definição, utiliza-se do termo ‘planejamento linguístico’ considerando-o como planejamento de corpus, planejamento de status e planejamento de aquisição, sua própria contribuição. O autor enxerga PL como um campo de intervenção direta com esforços deliberados para influenciar o comportamento de outros com relação à aquisição, estrutura e funcionamento da língua. Esses esforços deliberados não se restringem às agências autorizadas de instâncias macro, mas a indivíduos, grupos, instituições, com ações de cima para baixo, mas também de baixo para cima. Não se restringem a um público-alvo ou a uma forma ideal de planejamento. Embora utilize o termo planejamento linguístico, sua noção é expandida exatamente por levantar o seguinte questionamento: “Quem planeja o quê para quem e como?” (COOPER, 1989, p. 31).

Schiffman (2006) entende a PL como uma tomada de decisão sobre a linguagem e intrinsecamente ligada à cultura linguística. Esta é definida como a soma total de ideias, valores, crenças, atitudes, preconceitos, mitos, restrições religiosas e toda a bagagem cultural que os falantes trazem para suas relações com a língua de sua cultura. O autor propõe ainda a divisão entre PL explícita e PL implícita. A primeira refere-se a PL formalizada, declarada, de direito. A segunda refere-se à informal, latente, de fato, revelada nas práticas.

Spolsky (2004), citado por Souza e Roca (2015), amplia a noção de PL caracterizando-a através de três componentes que a constituem: práticas da língua, crenças da língua e gestão da língua (o antigo termo referente ao planejamento linguístico). As práticas da língua referem-se às variedades usadas para cada uma das funções comunicativas, regras que acordam para falar e silenciar. As crenças são os valores atribuídos pelos membros de uma comunidade de fala

para cada variedade e variantes. A gestão da língua refere-se aos esforços de membros com autoridades sobre outros membros para modificar suas práticas de língua, forçar, incentivar para usar uma variante diferente. É Spolsky (2009) que traz a noção de domínio como o espaço social tal como família, escola, vizinhança, igreja, local de trabalho, mídia pública, esfera governamental. Na PL cada domínio tem sua própria política, seja com recursos gerenciados internamente ou sob forças externas.

A política linguística é “[...] o principal mecanismo para organizar, gerenciar e manipular os comportamentos da língua, pois consiste em decisões tomadas sobre ela e seus usos na sociedade” (SHOHAMY, 2006, p. 45). Segundo a autora, a PL é o meio pelo qual as decisões são tomadas com relação às línguas preferidas, legitimadas, usadas, aprendidas e ensinadas em termos de onde, quando e em quais contextos. Sua atenção recai no fato de que a PL pode existir em todos os níveis de tomada de decisão sobre idiomas e com relação a uma variedade de entidades, tanto pequenas a exemplo de indivíduos e famílias, tomando decisões sobre as línguas a serem usadas por indivíduos, em casa, em locais públicos, bem como em entidades maiores, como escolas, cidades, regiões, nações, territórios ou no contexto global. A noção de PL da autora parece ser baseada em Spolsky (2004), quando diz que a PL é constituída por práticas, crenças linguísticas ou ideologias e esforços específicos para modificar ou influenciar as práticas por meio de algum tipo de intervenção linguística.

Johnson e Ricento (2013), citado por Andrade (2017), entendem a PL como um processo movido por uma diversidade de agentes de políticas linguísticas na esfera macro e micro, através das múltiplas camadas de criação, interpretação, apropriação, e instanciação, ou seja, a PL não é apenas um produto. Esta noção de PL de Johnson e Ricento (2013) pode ser associada ao Ciclo de Políticas desenvolvido por Stephen Ball e Richard Bowe (1992), citado por Mainardes (2006) que contemplava três contextos principais: de influência, de produção de texto e da prática, sem falar no contexto dos resultados e de estratégia política. O próprio item lexical ‘ciclo’ remete a ‘processo’, sinalizando uma PL contínua, dinâmica. Assim, os contextos de influência, de produção de textos e de prática podem ser compreendidos como as etapas de criação, interpretação e apropriação de Johnson e Ricento (2013), ou seja, etapas inter-relacionadas, atemporais e não sequenciais.

Entre essas noções de PL, é a noção apresentada por Shohamy (2006) que este trabalho se coaduna. Especificamente quando a autora aponta que a PL pode existir em todos os níveis de tomada de decisão sobre as línguas a serem usadas por indivíduos, em casa, em locais públicos. Ela propõe mecanismos que funcionam como “ferramentas” de intermediação entre as ideologias e as práticas de linguagem, mecanismos diluídos em regras e regulamentos, na política educacional, nos testes de línguas, no espaço público.

## 2.1 Objetos de estudo da Política Linguística

Partindo do pressuposto que a política linguística pode ser compreendida tanto quanto atividade prática como campo de estudos (DIONÍSIO, 2017) e que o campo de atividades práticas não se restringe a ações intervencionistas realizadas por governos e/ou organizações institucionais autorizadas, mas também por outros domínios, a exemplo de escolas, igrejas, locais de trabalho (SOUZA; ROCA, 2015) e espaços públicos (SHOHAMY, 2006), pode-se dizer que não existe um objeto de estudo único da PL, mas vários. Em outras palavras, todas as intervenções em situações linguísticas, todas as decisões sobre as línguas e seus usos na sociedade, em domínios da esfera macro ou micro, podem ser objetos de estudo da PL.

De acordo com as pesquisas produzidas em âmbito nacional, a exemplo de Souza Filho (2017), Gabas (2017), Dionísio (2017), Andrade (2016), Soares e Salgado (2014), podemos perceber uma variedade de objetos de estudo da PL. Souza Filho (2017) estuda o processo de revitalização da língua minoritária Tupi para o povo potiguara da Paraíba. Gabas (2017)

investiga as decisões tomadas por uma mãe sul-coreana acerca das línguas do repertório de seus filhos, sinalizando as Políticas Linguísticas Familiares (PLF) em andamento no domínio familiar. Dionísio (2017) investiga o exame Celpe-Bras, atuando como um mecanismo de política linguística para o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) no discurso de coordenadora, professores e alunos como agentes de PL. Andrade (2016) volta-se para políticas linguísticas educacionais, observando a apropriação dos professores do ensino médio com relação aos *Parâmetros Curriculares para a educação básica* no Estado de Pernambuco, entendido pela autora como a principal política linguística educacional do Estado. Soares e Salgado (2014) analisam a paisagem sociolinguística de Juiz de Fora/MG em termos de repertórios espaciais, mostrando que os recursos linguísticos que vemos nas ruas da cidade estão relacionados a pessoas de diferentes origens, com diferentes histórias e motivações, que participam de interações a todo tempo com outros falantes que se estabeleceram ou passaram pela região.

Como a paisagem linguística em espaço público é o objeto de estudo em questão, segue uma sucinta descrição sobre a mesma.

## 2.2 Paisagem linguística como objeto de estudo de Política Linguística

Segundo Shohamy e Gorder (2009) e Spolsky (2009), o termo paisagem linguística aparece primeiramente utilizado para referir-se à:

[...] “visibilidade e proeminência de línguas em sinais públicos e comerciais em um determinado território ou região. Sugere-se que a paisagem linguística possa servir importantes funções informacionais e simbólicas como marca do poder relativo e do status das comunidades linguísticas que habitam o território” (LANDRY; BOURHIS, 1997, p. 23, tradução minha<sup>4</sup>).

Como indicado na citação, Landry e Bourhis (1997) reconheceram duas funções básicas para os sinais públicos: informacional e simbólica. Sobre essas funções básicas, informacional e simbólica, Spolsky (2009) diz que a primeira refere-se a comunicar por meio de informações, instruções ou formas de persuasão, já a função simbólica é quando se declara pertencimento/propriedade ou demarca domínio linguístico, neste caso, expressando poder.

A paisagem linguística é compreendida como:

(...) “um domínio da linguagem no espaço público; refere-se à linguagem específica que objetos desempenham na esfera pública. Exemplos de paisagem linguística são placas de trânsito, nomes de lugar, ruas, nomes de edifício, locais e instituições, painéis publicitários (outdoors), cartões comerciais de visita, bem como rótulos, instruções e formulários públicos, nomes de lojas e placas públicas” (SHOHAMY, 2006, p. 112, tradução minha).<sup>5</sup>

<sup>4</sup> “[...] visibility and salience of languages on public and commercial signs in a given territory or region. It is proposed that the linguistic landscape may serve important informational and symbolic functions as a mark of the relative power and status of the linguistic communities inhabiting the territory”. (LANDRY; BOURHIS, 1997, p. 23)

<sup>5</sup> “[...] one domain within language in the public space; it refers to specific language objects that mark the public sphere and is used here as one case. Examples of LL are road signs, names of sites, streets, names of buildings, places and institutions, advertising billboards, commercials and personal visiting cards as well as labels, instructions and public forms, names of shops and public signs (SHOHAMY, 2006, p. 112).

Embora possamos considerar esse objeto de estudo relativamente novo, existem dois livros voltados exclusivamente para a temática<sup>6</sup>. Shohamy e Gorter (2009), por exemplo, apresentam uma lista de estudiosos do exterior que utilizaram o conceito de paisagem linguística em suas pesquisas. No contexto brasileiro, além de Soares e Salgado (2014), existem Berger e Elsenbach (2017) que observaram a diversidade linguística no espaço visual público em Foz do Iguaçu-PR. Registraram imagens de diferentes línguas em nomes dos estabelecimentos, em anúncios e propagandas e em placas de sinalização pública ao longo de três vias movimentadas do centro da cidade. Os resultados apontaram para o uso de diferentes línguas na paisagem e relações assimétricas em relação à disposição visual das línguas.

### 3 Multimodalidade e Gramática do Design Visual

Kress e van Leeuwen (2001), compreendem a multimodalidade como proveniente de distintos modos de construção de sentidos materializados em um texto, organizados estruturalmente para estabelecer um discurso previamente articulado de acordo com os interesses do produtor. Ao receber o texto, o leitor também seleciona esses modos semióticos que corroboram seus efeitos de sentidos de acordo com seu conhecimento prévio e experiência de mundo.

Nascimento, Bezerra e Heberle (2011) concordam com esse pensamento dos autores ao ressaltarem a importância de se considerar o modo como os recursos semióticos se relacionam entre si mesmo em um texto verbal, aparentemente monomodal. Por exemplo, os recursos tipográficos como fonte, negrito ou uso de cor para salientar determinados elementos ou criar efeitos de sentido particulares já sinalizam multimodalidade, não existindo texto monomodal.

Na mesma perspectiva, Silva e Almeida (2018) conceituam a multimodalidade como as muitas formas de materialização do discurso, como os muitos modos de representação do pensamento por meio dos mais variados signos, sejam eles verbais ou visuais.

Desta maneira, as fachadas de estabelecimentos comerciais são textos multimodais caracterizadas por seu potencial de recursos semióticos com significados que formam um todo coerente a partir da disposição de seus elementos na imagem.

Kress e van Leeuwen ([1996]2006) desenvolveram a Gramática do Design Visual (GDV) como ferramenta analítica para textos imagéticos, baseada na Gramática Sistêmico-Funcional de Michael Halliday. Eles mostram que assim como os significados na linguagem verbal se constituem de escolhas entre diferentes classes de palavras e estruturas semânticas, a linguagem visual expressa significados através de estruturas visuais. Isso ocorre por meio da **metafunção representacional**, da **metafunção interacional** e da **metafunção composicional** que respondem respectivamente às perguntas: A que(m) esses significados se referem e o que descrevem? Como esses significados se conectam com as pessoas? Como os significados estão estruturados para formar um todo coerente? Essas metafunções ocorrem simultaneamente, mas uma delas pode ser aprofundada em detrimento de outra, conforme objetivo do pesquisador.

Ravelli e McMurtrie (2016) ampliaram os esquemas das estruturas visuais da GDV de Kress e van Leeuwen ([1996]2006) para os textos espaciais, propondo uma gramática voltada para Análise do Discurso Espacial. Para este artigo, a metafunção organizacional (terminologia utilizada para espaços tridimensionais ao invés de composicional) é a que atende ao objetivo proposto.

---

<sup>6</sup> Dois livros discorrem sobre Paisagem Linguística:

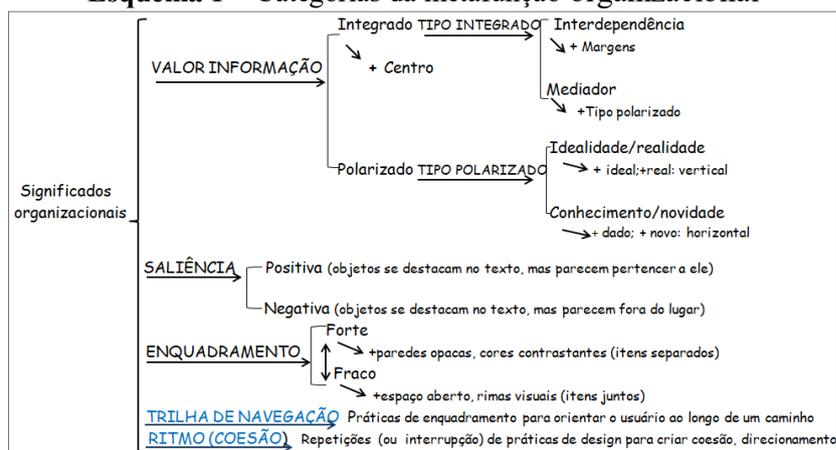
SHOHAMY, E. & GORTER, D. (Org). **Linguistic Landscape: expanding the scenery**. New York, USA: Routledge, 2009; SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E. & BARNI, M. **Linguistic Landscape in the city**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010.

### 3.1 A metafunção composicional/organizacional

A metafunção composicional, segundo Kress e van Leeuwen ([1996]2006), é um esquema de estruturas organizadas para dar forma aos textos, tornando-os coerentes ou fragmentados, priorizando algumas informações em detrimento de outras. É realizada por meio das categorias: **Valor da Informação**, **Saliência** e **Enquadramento**. No **Valor de Informação**, o leiaute composicional, a colocação de certos itens em relação a outros, mostram um valor de informação particular. No eixo horizontal, as informações familiares são posicionadas no lado esquerdo e as informações novas e promissoras são posicionadas do lado direito, construindo a relação de dado/esquerdo versus novo/direito. Em um espaço construído, o que vem antes seria o dado, o que vem depois seria o novo. No eixo vertical, a informação real localiza-se na base, a informação ideal no topo. Na relação circular, existe a informação chave no centro e a informação secundária, menos importante na margem. Na relação tríptica, um item de mediação é posicionado entre dois suportes paralelos. A **Saliência** é percebida pelo destaque dado por meio de uma variedade de recursos: tamanho grande, cor contrastante, uso especial de iluminação, valores culturais. Ravelli e McMurtrie (2016) afirmam que a saliência pode ser positiva (objetos se destacam no texto, mas parecem pertencer a ele) ou negativa (objetos se destacam no texto, mas parecem não pertencer a ele). O **Enquadramento** é realizado pelo grau de continuidade entre os itens, como continuidade no estilo da construção, da sua cor (enquadramento fraco) ou separação entre unidades semelhantes, contraste no estilo, na cor de construção e barreiras físicas como cercas, paredes ou janelas (enquadramento forte).

A essas três categorias, Ravelli e McMurtrie (2016) acrescentaram **Trilha de Navegação** e **Ritmo**, como ilustra o Esquema 1. A **Trilha de Navegação** refere-se a como o texto espacial é capturado visualmente e como ocorre a circulação ou navegação através dele. São práticas de enquadramento para orientar o usuário ao longo de um caminho e sugerir relações entre as unidades, como trilhas, escadas rolantes, elevadores, escadaria. O **Ritmo** é a repetição (ou interrupção) de práticas de design para criar coesão e guiar a direção de movimento do usuário por meio de um corredor para seguir, cores, estilos, objetos e formas.

**Esquema 1 – Categorias da metafunção organizacional**



Fonte: Adaptado de Ravelli e McMurtrie (2016, p. 109)

\*Tradução do autor

#### 4 Percursos metodológicos

Este estudo caracteriza-se por ser de abordagem qualitativo-interpretativista, de natureza descritiva e exploratória com dados coletados em setembro de 2018<sup>7</sup>. O percurso aconteceu em quatro etapas. Primeiro, houve uma procura por nomes das casas de festas infantis na ferramenta de busca *google*, inserindo-se a palavra-chave ‘Salões para festas infantis em João Pessoa-PB’, resultando em trinta e três (33) estabelecimentos. É relevante informar que essa amostra total diz respeito às casas disponíveis à época da pesquisa, conferidas também no momento de produção deste artigo. Provavelmente, há estabelecimentos que não estão cadastrados. O segundo passo foi uma busca no *google images* para visualização das fachadas correspondentes a cada estabelecimento. Terceiro, houve a delimitação do *corpus* para análise a partir do critério de fachadas compostas tanto por um atrativo visual infantil na sua estrutura quanto por nomes de identificação com itens lexicais estrangeiros. Seis (6) fachadas foram encontradas com saliência de cores, tamanho e formato das letras voltadas para o universo infantil. Dentre essas, três (3) se destacam quanto ao atrativo visual saliente, sendo duas (2) com nomes compostos por itens lexicais estrangeiros e uma (1) por neologismo. Esta última fachada é a que mais se destaca quanto à saliência visual, justificando sua escolha mesmo sem ser estrangeirismo. Houve, então, a busca de imagens fotográficas dessas três fachadas nas suas respectivas redes sociais para visualizar como elas se apresentam, sendo essas imagens fotográficas as selecionadas para análise. A quarta etapa refere-se à análise e discussão dos resultados, desenvolvida na próxima seção.

#### 5 Um olhar para fachadas de casas de festas infantis em João Pessoa-PB: a paisagem linguística e os significados organizacionais

Conforme descrito na seção anterior, três (3) fachadas foram selecionadas por apresentarem tanto itens lexicais estrangeiros e neologismo quanto composições imagéticas voltadas para o universo infantil: 1) Tindolelê Buffet Kids e Teens, 2) Popótamus e 3) Javé-Yirê Recepções e Locações, visualizadas nas Figuras 1, 2 e 3 respectivamente.

Visto que Shohamy (2006) considera a paisagem linguística como o domínio da linguagem no espaço público, sendo os nomes de estabelecimentos comerciais exemplos de paisagem linguística, a análise se concentrará nas fachadas frontais com os nomes desses estabelecimentos. Primeiramente haverá uma contextualização e descrição geral de cada um. Em seguida, análise e interpretação da sua paisagem linguística (escolhas lexicais) e dos seus significados organizacionais (disposição visual dos recursos semióticos). Para tal, recorre-se respectivamente às funções informacional e simbólica, descritas por Landry e Bourhis (1997) e Spolsky (2009), como também às categorias da metafunção organizacional da GDV, ampliadas por Ravelli e McMurtrie (2016).

##### 5.1 Tindolelê Buffet Kids e Teens

A Fig.1 refere-se à casa de festa infantil identificada por ‘Tindolelê Buffet Kids e Teens’, localizada na Avenida João Maurício, 17, Manaíra, no sentido da orla de Tambaú com destino à Manaíra, uma rua tipicamente comercial e turística. Inicialmente, observa-se uma fachada frontal semelhante aos demais estabelecimentos comerciais das proximidades, exceto por

---

<sup>7</sup> Dados coletados exclusivamente para o trabalho final da disciplina Tópicos em Linguística Aplicada, cursada em 2018.2, já referenciada anteriormente.

alguns detalhes que caracterizam sua identidade: ambiente fechado e placa identificadora do nome escrito com letras arredondadas e indicando movimento. Essa placa identificadora do nome é a informação primordial sobre o que é o estabelecimento e o serviço prestado, estabelecendo interação com o leitor. Essas informações justificam sua escolha para análise.

**Figura 1-** Casa de festa infantil Tindolelê Buffet Kids e Teens



**Fonte:** [https://pt-](https://pt-br.facebook.com/tindolelejp/photos/a.369640409842611/715826181890697/?type=1&theater)

[br.facebook.com/tindolelejp/photos/a.369640409842611/715826181890697/?type=1&theater](https://pt-br.facebook.com/tindolelejp/photos/a.369640409842611/715826181890697/?type=1&theater)

### 5.1.1 Sobre a paisagem linguística

O nome do estabelecimento é constituído por uma mistura de códigos linguísticos apontando tanto para um léxico exclusivo do universo infantil (Tindolelê) quanto para estrangeirismos advindos do francês (buffet) e do inglês (kids/teens). O termo ‘tindolelê’ encontra-se na letra da cantiga de roda ‘Meu limão, meu limoeiro’. É o nome de uma canção infantil cantada por Frajola e Mariola, como também é o nome de uma canção cantada por Xuxa (Maria da Graça Meneghel) no final dos anos 80. A definição da palavra em língua portuguesa não foi encontrada. A tipografia em alto relevo afixada na fachada do prédio apresenta um formato das letras em certo movimento, o que vai de encontro com a letra da cantiga de roda e canções já citadas, por exemplo: “Batendo palma, e dando um grito, hei! Levanta a mão... [...] Eu quero ver Tindolelê, nheco, xique, balancê!”.

O galicismo ‘buffet’ indica certo apreço pela cultura francesa ou uma modalidade de servir as refeições, indicando que há comida pronta a ser consumida pelos convidados, os quais podem se servir do banquete oferecido e na quantidade que desejarem. Os anglicismos ‘kids’ e ‘teens,’ ao invés de crianças e adolescentes, sinalizam certa hegemonia e prestígio da língua inglesa para nomes de estabelecimentos comerciais como algo contemporâneo, subtendendo-se que o público-alvo (pais das crianças e a própria criança) tenha algum conhecimento da língua inglesa.

A proeminência do tamanho, da forma e a sonoridade do nome ‘Tindolelê’ com relação aos estrangeirismos ‘buffet’, ‘kids’, ‘teens’ sinalizam uma prioridade do léxico voltado para o universo infantil como língua escolhida para identificação do estabelecimento naquela região. Em segundo plano, há a informação do tipo de serviço prestado (‘buffet’) e para quem (‘kids’ e ‘teens’), simbolizando um poder relativo quanto ao status do uso de língua estrangeira da comunidade linguística local. Dito de outro modo, a paisagem linguística escolhida desempenha a função informacional quanto ao público-alvo e ao tipo de serviço prestado, como também ocorre a função simbólica ao demarcar certo domínio linguístico dessas línguas estrangeiras por parte do proprietário, expressando poder da parte dele.

Ao entrar em contato com o proprietário do estabelecimento para saber o motivo da escolha do nome, a informação passada foi que apenas o antigo proprietário poderia fornecer essa justificativa.

### 5.1.2 Sobre os significados organizacionais

Com relação às informações que são priorizadas em detrimentos de outras, pode-se perceber que o **Valor de Informação** concentra-se de forma polarizada no eixo vertical, topo/base (ideal/real). No topo, o nome ‘Tindolelê Buffet Kids e Teens’ como representação do ideal, ou seja, a promessa de um estabelecimento com identidade própria, voltado para o público infantil. Na base, a porta de acesso como em qualquer outro lugar, representando o real. A **Saliência** é positiva. É percebida pelo tamanho relativo das letras no nome principal ‘Tindolelê’ contrastando com o tamanho das letras dos estrangeirismos ‘Buffet Kids e Teens’, sugerindo maior relevância ao nome principal de identificação com relação aos estrangeirismos tão comuns em alguns estabelecimentos. A localização no topo, o tamanho e o formato das letras sugerem certo movimento como na cantiga de roda e corroboram o valor de informação ideal: a promessa de um local voltado para crianças. O **Enquadramento** é forte devido à desconexão entre itens que compõem a fachada, como cores diferentes no revestimento da parede, na placa e na porta, sugerindo separação em relação à construção em si e às construções adjacentes, o que lhe confere certa individualidade. Isso sugere um prédio comum adaptado e separado para festas infantis, o que o diferencia também de outros ao redor. A **Trilha de Navegação** é indicada pela porta com vidro escuro, reforçada pelo arco de bexigas para orientar o usuário que aquele é o caminho de entrada para o local da festa, uma vez que entre os estabelecimentos comerciais vizinhos não há paredes separando-os. O **Ritmo** ocorre pela coesão entre os elementos da placa de identificação: formato horizontal e retangular, mesmas cores e formatos das letras para o nome principal (Tindolelê) e mesmas cores e formato das letras para os itens lexicais que indicam o tipo de serviço (Buffet Kids e Teens). Há ruptura quanto às cores e materiais que compõem a fachada, como também com relação às cores e materiais das fachadas em estabelecimentos vizinhos, embora não sejam visualizadas na imagem. Isso reforça a identidade do local, situa o usuário quanto à localização exata, ratificando o enquadramento forte e a trilha de navegação.

### 5.2 *Popótamus*

A Fig. 2 apresenta um exemplo de paisagem linguística referente à casa de festa infantil Popótamus, localizada na Rua Santos Coelho Neto, 348, esquina com Avenida João Cândio, em Manaíra. Justifica-se a escolha do prédio pelo seu atrativo visual predominantemente infantil, caracterizado por cores roxa, verde, azul e amarelo e formato arredondado de alguns elementos estruturais fixos. Entre estes, destacam-se as imagens de um hipopótamo sorridente, de braços abertos no eixo de uma hélice (um símbolo identitário do prédio), as letras dos nomes e as janelas. É notório que o prédio apresenta um design arquitetônico voltado para o universo infantil, conferindo-lhe uma identidade visual e espacial que ultrapassa o nome, diferenciando-se dos demais prédios residenciais e comerciais das proximidades.

Figura 2 – Casa de festa infantil Popótamus-



Fonte:

<https://www.facebook.com/Popotamusbuffet/photos/a.860299934065281/1615558611872739/?type=3&theater>

### 5.2.1 Sobre a paisagem linguística

Diferentemente da fachada anterior, o nome do estabelecimento é composto por um único item lexical, ‘Popótamus’. Embora um dos critérios para definição do corpus tenha sido nomes de identificação com itens lexicais estrangeiros, observou-se que nesse caso foge à regra, podendo ser caracterizado como neologismo. A interpretação é a escolha das sílabas ‘popó’, ao invés de ‘hipo’, como uso estratégico para relacionar o som da bilabial ‘p’ à linguagem infantil, lembrando o balúcio, primeiras sílabas da criança. Isso sinaliza um novo léxico composto a partir de palavras já existentes, em prol do universo infantil, promovendo uma atenção maior ao público-alvo, confirmado diante de uma conversa informal com a proprietária.

A proprietária do estabelecimento é paulista e possui formação em arquitetura. Segundo ela, a escolha do nome ocorreu durante sua experiência materna com o nascimento do primeiro filho e seu total envolvimento com o universo infantil. Relata que buscou inspiração para o nome observando os objetos no quarto do filho, onde percebeu um livro intitulado ‘O sorriso de Lúcio, o hipopótamo’. O nome inicial seria esse, ‘hipopótamo’, quando descobriu que havia uma boate com esse nome nos anos 1980 e ela queria uma marca própria. Sem abrir mão da escolha, buscou algo semelhante que representasse ainda mais a criança: as sílabas ‘pó...pó’, características das suas primeiras sílabas, escolhendo então ‘Popótamus’.

‘Popótamus’ pode ser visto como uma escolha linguística que reflete um mecanismo de promoção e demarcação de pertencimento/propriedade com função simbólica relacionando o nome à linguagem infantil e à imagem simbólica do mamífero hipopótamo.

### 5.2.2 Sobre os significados organizacionais

O **Valor de Informação** concentra-se de forma integrada, centro/margens. No centro, o mascote de braços abertos e o nome do estabelecimento como itens centrais mediando as laterais direito-esquerda do prédio que funcionam como as margens. O mascote e o nome de identificação funcionam como pontos fixos e estratégicos de visualização na esquina das ruas Santos Coelho Neto e João Cândio. O mascote é a imagem representativa do hipopótamo, um mamífero de grandes dimensões que vive na terra, porém nesse contexto recebe o nome do estabelecimento, ‘Popótamus’. Além dele, outros mascotes em forma de hipopótamo aparecem na imagem, desta vez com características antropomórficas. A **Saliência** é vista como positiva. O destaque é dado ao mascote devido ao seu tamanho relativo se comparado ao nome de

identificação do local. Este é composto por letras em formato arredondado, na cor verde, fixado na sacada de ferro. Tal saliência converge para o valor de informação. O destaque também ocorre por meio das cores roxo e verde. O **Enquadramento** é forte tanto quanto ao contraste no estilo e na cor de construção em si como com relação aos prédios circunvizinhos. No prédio, observa-se contraste entre revestimentos (paredes opacas e portas/janelas retangulares transparentes) contraste de cores (roxo, verde, amarelo, azul), de formas (cubo, retângulo), de materiais (concreto, ferro, vidro, resina), atribuindo certa individualidade ao prédio em comparação aos prédios próximos. A **Trilha de Navegação** é indicada por duas colunas com formato ondulado que sinalizam a entrada (lado esquerdo da imagem). O **Ritmo** se dá pela repetição das cores verde e roxo (mascote, letras do nome, paredes, janelas) quanto na repetição do formato arredondado (mascote, letras do nome, janelas). Essa repetição de cores sugere harmonia entre esses elementos, enquanto que a repetição do formato arredondado sugere tanto à relação com alguns brinquedos (bola, roda, arco, anel, disco) quanto o sentido de completude, perfeição, totalidade.

### 5.3 'Javé-Yirê Recepções e Locações'

A Fig. 3 mostra a paisagem linguística referente à casa de festas infantis, Javé-Yirê Recepções e Locações, localizada na Rua São Miguel Arcanjo, no bairro João Paulo II, próximo ao conjunto Ernesto Geisel. A princípio, observa-se que o design arquitetônico do prédio assemelha-se a uma residência comum, com muro e portão característicos de construções residenciais, diferenciando-se por seu interior adaptado para festas infantis. É exatamente esse diferencial que justifica sua escolha, a identificação do nome ser posicionada na fachada interna da casa (em outras imagens também na parte do muro) distinguindo-se das anteriores.

**Figura 3-** Casa de festa Javé-Yirê Recepções e Locações



Fonte: <https://www.organizandoeventos.com.br/pateromnipotens@hotmail.com>

#### 5.3.1 Sobre a paisagem linguística

Percebe-se que o nome principal de identificação, 'Javé-Yirê', está escrito em letras grandes e coloridas na fachada interna. Já o complemento do nome, 'Recepções e Locações', informa o tipo de serviço prestado e aparece em tamanho menor se comparado ao nome principal. 'Javé', de acordo com o dicionário online de língua portuguesa, tem conotação religiosa, é de origem do hebraico *Yahveh* ou *Yehovah*, significando Deus. Para 'Yirê' não foi encontrada definição. Já o nome 'Javé-Yirê' também é o nome de uma comunidade católica.

Além do texto verbal, o desenho de uma formiga faz parte da paisagem linguística, assim como aquele mascote em forma de hipopótamo. É uma formiga identificada como Smilinguido,

um personagem criado por Márcia D’Haese para retratar a vida em formigueiro. Segundo informações do site da página ([www.smilinguido.com.br/2015/historia.php](http://www.smilinguido.com.br/2015/historia.php)), o nome ‘Smilinguido’ foi escolhido para dar relevância ao fato de que apesar de pequeno e frágil, ou seja, “desmilinguido”, o Senhor Deus poderia manifestar seu poder e sua grandeza. Representa também a marca famosa de produtos evangélicos: marcadores de textos, cartões de lembrança, acessórios. A formiga também é um inseto conhecido pelo trabalho árduo, persistente e em equipe, mas também como comedor de doces, o que seria uma conotação negativa para crianças.

Ao entrar em contato com a proprietária para saber o motivo da escolha do nome, ela respondeu que “Javé-Yirê significa Deus da providência, nome forte, por este simples fato. Em oração o senhor me revelou este nome. E de fato ele tem sido a providência em minha vida”.

Assim, ‘Javé-Yirê Recepções e Locações’ pode ser compreendido como uma escolha linguística em prol de um léxico de cunho religioso, refletindo uma tomada de decisão da proprietária como mecanismo de promoção e demarcação de sua propriedade. Trata-se tanto de uma função informativa (nome de identificação e tipo de serviço prestado) quanto simbólica (crença religiosa) associada às cores e ao formato da formiga, uma junção de recursos semióticos para atender às famílias e às crianças.

### 5.3.2 Sobre os significados organizacionais

Em termos da organização das informações, percebe-se que o **Valor de Informação** concentra-se de forma polarizada nas subcategorias dado/novo, ou seja, antes/depois no caso de textos espaciais. O dado é o portão de entrada, o muro comum ao público acostumado com residências desse tipo. O novo é o nome do local ‘Javé-Yirê Recepções e Locações’, indicando que a novidade está após o muro e que não se trata de uma residência comum, mas de uma casa de festas infantis. Considerando somente a fachada interna quanto ao nome de identificação do estabelecimento, o valor de informação concentra-se no eixo central: ‘Javé-Yirê’ no centro, entre o desenho do Smilinguido e dos dois itens lexicais, ‘Recepções e Locações’. A **Saliência** é vista como negativa. Os tamanhos, formatos e colorido das letras do nome de identificação contrastam com a cor do muro e do teto, como se a fachada na parte interna estivesse fora do lugar, já que por se tratar de um estabelecimento comercial, o nome de identificação deveria estar à frente, mais próximo à rua. O **Enquadramento** é forte devido à separação entre muro e fachada, como também entre o contraste de cores entre a fachada e o muro. Esta barreira física sugere separação entre aqueles que estarão ocupando o espaço e o que estarão fora, implicando em privacidade e individualidade. A **Trilha de Navegação** é indicada pelo portão que sinaliza o caminho de entrada. O **Ritmo** se dá pela repetição no material de revestimento da casa, no muro e teto, mas há uma interrupção no formato e nas cores das letras na fachada que traz o nome do estabelecimento, reiterando o enquadramento forte, a privacidade.

### 5.4 Discussão dos resultados

As fachadas analisadas mostram variedades linguísticas em concorrência com o português que atuam tanto como função informacional indicativa do nome do estabelecimento (Tindolelê, Popótamus, Javé-Yirê), do público-alvo (*kids* e *teens*) e do tipo de serviço prestado (*buffet*, *recepções* e *locações*) como também função simbólica representativa de certo domínio linguístico de língua estrangeira (léxico francês, inglês e hebraico) e de um léxico criado em prol da criança (**Popótamus**). Esses itens lexicais somados aos recursos semióticos de cores, formas, tamanhos relativos e imagens de mascote (hipopótamo e formiga) são distribuídos em um leiaute organizacional que atribui valores de informação particular de alguns elementos em relação a outros. É essa associação de recursos semióticos e o conhecimento prévio do leitor

quanto aos elementos verbais e não verbais que constituem os efeitos de sentidos da paisagem linguística em cada estabelecimento.

Os conceitos de política linguística, paisagem linguística e multimodalidade foram fundamentais para interpretação dos dados. A concepção de política linguística, apresentada por Shohamy (2006), como um dos mecanismos para decisões tomadas com relação às línguas preferidas, legitimadas e usadas na sociedade norteou o percurso inicial da análise sobre a paisagem linguística em espaços públicos. De forma complementar, a multimodalidade na perspectiva de Kress e van Leeuwen (2001), como proveniente de distintos modos de construção de sentidos materializados em um texto, organizados estruturalmente, tornou possível o diálogo proposto neste trabalho. Esse entrelaçamento reflete certo domínio sobre aquele espaço público e perpetua certo status das línguas e crenças escolhidas. É também a representação de um espaço separado e construído como “modelo” para festas infantis. Um espaço que indica o que é, para quem é e que interage com o outro a partir da fachada, como um cartão de visitas da construção.

## 6 Considerações finais

O presente estudo apresentou uma análise das fachadas das casas de festas infantis *Tindolelé Buffet Kids e Teens*, *Popótamus* e *Javé-Yirê Receções e Locações* na cidade de João Pessoa-PB. Observou-se que a capital paraibana se assemelha às grandes capitais brasileiras quanto à diversidade linguística registrada nas fachadas de prédios e que as escolhas semióticas organizadas coerentemente cooperam para dar visibilidade a essa diversidade.

Retomando as questões iniciais sobre quais línguas estão dispostas nas fachadas dessas casas e quais significados podem ser inferidos a partir da disposição visual dos elementos imagéticos nesses estabelecimentos, os resultados apontam que as línguas dispostas nas fachadas são inglês, francês, hebraico e um léxico “inventado” em prol do universo infantil. Esse universo infantil é percebido devido à saliência de tamanho, formas e cores das letras. Já os significados inferidos pela disposição visual dos elementos se voltam para o status de uma língua estrangeira como algo contemporâneo (mesmo um léxico “inventado”) e para as crenças religiosas, uma vez que essa língua é o nome de identificação. Esse nome é posicionado como elemento central da informação e está associado a mascotes em duas fachadas. Um mascote é visto como forte, robusto (o hipopótamo), enquanto outro é visto como pequeno e frágil, trabalhador e persistente (a formiga).

Em síntese, a análise ilustra uma pequena parcela da diversidade linguística, entre tantas outras, de uma cidade plurilíngue e multicultural. Embora no Brasil a língua portuguesa seja a única língua que receba a legitimação e status de oficial, há variedades linguísticas que não se restringem apenas ao inglês como língua hegemônica, há também a presença do francês, do hebraico e de um léxico “construído” em prol do universo infantil.

## Referências

- ANDRADE, R. C. O. **Políticas linguísticas educacionais: apropriação dos Parâmetros por professores da educação básica de Pernambuco**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 196f. 2016. (Dissertação de Mestrado em Linguística).
- ARNOUX, E. N.; LAURIA, D. **Lenguas y Discursos en la Construcción de la Ciudadanía Sudamericana**. Buenos Aires: UNIPE Editorial Universitária, 2016.
- BALL, S. J.; BOWE, R. Subject departments and the “implementation” of National Curriculum policy: an overview of the issues. **Journal of Curriculum Studies**, London, 24, 1992. 97-115.
- BERGER, I. R.; ELSNBACH, L. R. J. Gestão do multilinguismo no espaço visual público em Foz do Iguaçu: um estudo sobre a visibilidade da diversidade linguística. **Entrepalavras**, Fortaleza, ago./dez 2017. 433-456.

- COOPER, R. Acquisition planning. *In*: COOPER, R. **Language planning and social change**. New York: Cambridge University Press, 1989. p. 157-163.
- DIONÍSIO, C. I. B. **O exame Celpe-Bras: mecanismo de política linguística para o programa de estudantes**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 265 f. 2017.
- GABAS, T. M. Mercado Linguístico Familiar: Gerenciamento de Línguas em uma Família Sul-Coreana. **Organon**, 2017, v. 32, p. 1-16.
- HAUGEN, E. Planning for standard language in modern Norway. **Anthropological Linguistics**, 1959. 8–21.
- JOHNSON, D. C.; RICENTO, T. Conceptual and theoretical perspectives in language planning and policy: situating the ethnography of language policy. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 219, Jan. 2013. p. 07-21.
- KLOSS, H. **Research possibilities on group bilingualism: a report**. International Center for Research on Bilingualism. Quebec. 1969.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, [1996]2006.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **What is multimodality? Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.
- LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**, 16, March 1997. 23-49.
- MAINARDES, J. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para análise de políticas educacionais. **Educ.Soc**, Campinas, 27, jan./abr 2006. 47-69.
- NASCIMENTO, R.; BEZERRA, F.; HEBERLE, V. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, 14, Jul/dez 2011. 529-552.
- RAVELLI, L. J.; MCMURTIE, R. J. **Multimodality in the Built Environment > Spatial Discourse Analysis**. London and New York: Routledge, 2016.
- SCHIFFMAN, H. Language policy and linguistic culture. *In*: RICENTO, T. (. ). **An Introduction to language policy: theory and method**. Oxford: Blacwell Publishing, 2009. p. 111-125.
- SHOHAMY, E. **Language policy: hidden agendas and new approaches**. New York: Routledge, 2006.
- SHOHAMY, E.; GORTER, D. Introduction. *In*: SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape: Expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009. p. 1-10.
- SILVA, M. M. P.; ALMEIDA, D. B. L. Linguagem Verbal, Linguagem Verbo-Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico Funcional. **Revista Odisséia**, Natal-RN, 3, n.1, jan.-jun. 2018. 36-56.
- SOARES, M. S.; SALGADO, A. C. P. A paisagem (sócio) linguística da cidade de Juiz de Fora/MG: o estudo de um ambiente plurilíngue em tempo real. **Artigos: XI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, Chapecó- SC, 2014.
- SOUSA, S. C. T.; M.P., R. Introdução para uma compreensão ampliada de Política Linguística. *In*: SOUSA, S. C. T.; M.P.(ORGS.), R. **Políticas linguísticas declaradas, praticadas e percebidas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 07-32.
- SOUZA FILHO, A. R. "A língua tupi não morreu, tá viva correndo nas veias": o processo de revitalização da língua tupi à luz da política e do planejamento linguístico. (No prelo). 2017.
- SPOLSKY, B. Language practices, ideology and beliefs, and manegement and planning. *In*: SPOSLKY, B. **Language policy: key topics in Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge, 2004.
- SPOLSKY, B. Towards a theory of language policy. *In*: SPOLSKY, B. **Language Manegement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. Cap. 1, p. 01-09.